

# PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A CORRESPONDÊNCIA INTERESCOLAR

BEYOND THE SCHOOL WALLS: THE INTER-SCHOOL CORRESPONDENCE

MÁS ALLÁ DE LOS MUROS DE LA ESCUELA: LA CORRESPONDENCIA ENTRE ESCUELAS

Dayane Cristina Moraes Yamashita<sup>1</sup>  
Cinthia Vieira Brum Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** Relato referente à prática da correspondência interescolar, técnica da Pedagogia Freinet, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O trabalho permitiu aos alunos o aperfeiçoamento da expressão escrita, percebendo-se autores de textos significativos.

**Palavras-chave:** Correspondência interescolar; pedagogia Freinet; práticas de leitura e escrita.

**Abstract:** Report referring to the presentation at the 22nd Cole of the practice of interscholastic correspondence, a Freinet Pedagogy technique, with students from the early years of Elementary School. The work allowed students to improve their written expression, perceiving themselves as authors of significant texts.

**Keywords:** Interscholastic correspondence; Freinet pedagogy; reading and writing practices.

**Resumen:** Informe referente a la presentación en el 22º Cole de la práctica de la correspondencia interescolar, técnica de la Pedagogía Freinet, con alumnos de los primeros años de Educación Primaria. El trabajo permitió a los estudiantes mejorar su expresión escrita, percibiéndose a sí mismos como autores de textos significativos.

**Palabras clave:** Correspondencia interescolar; pedagogía Freinet; prácticas de lectura y escritura.

## Introdução

*A vida é a arte do encontro*

Vinicius de Moraes, Samba da Bênção

Somos professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública municipal de Campinas-SP, e por diferentes caminhos nos encontramos com a pedagogia Freinet. Como resultado desse encontro, mais tarde fomos nós, juntamente com os nossos alunos, quem nos encontramos, pois a pedagogia Freinet reúne professores do mundo inteiro em um movimento<sup>3</sup> comprometido em construir a escola *do* povo (e não *para* o povo); nisso temos encontrado nosso ponto de equilíbrio nessa trajetória que nos permite romper com o ensino tradicional e a partir de um contexto real, dialogar a partir do trabalho pedagógico com a vida, com as pessoas e com o entorno da escola, para além do ambiente escolar, o que contribui para que a relação com tantas áreas do conhecimento e do desenvolvimento humano, aconteça de forma significativa, prazerosa e potente, primando sempre por um profundo respeito às

---

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP.

<sup>2</sup> Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP e FE/Unicamp.

<sup>3</sup> Os movimentos de cada país são vinculados à Federação Internacional do Movimento da Escola Moderna (FIMEM), cujo site é: <https://www.fimem-freinet.org/>. O movimento brasileiro é a Rede de Educadores e Pesquisadores da educação Freinet (REPEF), cujo site é <https://www.freinet-repef.com.br/>.

crianças. Como Freinet ressalta em sua primeira *invariante pedagógica*<sup>4</sup>: “a criança e o adulto têm a mesma natureza” (SAMPAIO, 1989, p. 81) o que implica reconhecer aquilo que os une e motiva na vida, e que são inclusive princípios da Pedagogia Freinet: a livre expressão, a cooperação, a autonomia e o trabalho (FERREIRA, 2003).

Diante dessa perspectiva, e desses tantos encontros, compartilharemos aqui o nosso percurso do trabalho com a correspondência interescolar, uma das técnicas<sup>5</sup> da Pedagogia Freinet que envolvem a produção de texto, não apenas para cumprir com o ensino do currículo escolar, mas para que a função da leitura e da escrita faça sentido e proporcione ao aluno a oportunidade de refletir e pensar a linguagem convencional para se comunicar com clareza, onde possa ser compreendido, troque conhecimentos, compartilhe vivências, se expresse com liberdade, prazer, criatividade, autenticidade, e dentre tantas outras possibilidades, demonstre inclusive afetividade. Neste trabalho, pudemos vislumbrar a afirmação feita em outra de suas invariantes, a 17: “A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende os rumos de sua vida” (SAMPAIO, 1989, p. 92).

### **Princípios que sustentam este trabalho**

As proposições freinetianas foram iniciadas já há 100 anos, quando Célestin Freinet (1896-1966) assumiu, em 1920, uma turma multisseriada numa pequena aldeia no interior, no sul da França. No chão da escola, ele toma contato com o que ainda hoje nos é muito comum: salas lotadas, pobreza material da escola, manuais descolados da vida das crianças. Enfrenta ali também suas próprias limitações: combatente da primeira guerra, teve pulmões feridos, portanto ministrar horas de aulas expositivas não era uma opção. No entanto, ao invés de aposentar-se, como ele poderia ter feito, resolveu “Ser o artífice da profissão que escolhera: professor primário” (FREINET, 1978, p. 15).

A experiência da guerra também o leva a questionar o sistema econômico que leva à guerra, e, portanto, a posicionar-se ao lado dos que querem construir outra sociedade, solidária e justa (OLIVEIRA, 1998). Nesse cenário, ele começa a busca por outras maneiras de trabalhar, e o faz de diversas formas, como nos relata sua companheira Élise Freinet (1978), a qual também contribuiu ativamente para a proposta pedagógica que mais tarde, viria a se consolidar e tornar-se um movimento cooperativo internacional; a trajetória de Freinet é marcada por ler, reler e tomar notas acerca dos autores clássicos e modernos sobre educação, participar de inúmeros congressos que ocorriam na época – sobretudo os da Educação Nova, visitar escolas com propostas mais libertárias – incluindo uma viagem à Rússia – e escrever/publicizar nos jornais escolares e sindicais da época suas experiências.

Através desses escritos entrou em contato com ele Daniel: também professor primário, do norte da França, interessa-se pela maneira de Freinet trabalhar os textos dos alunos utilizando-se da técnica da impressão e então dão início a uma intensa troca de correspondência entre eles, bem como entre seus alunos – uma comunicação que reverbera até os dias de hoje. Freinet registra em seu diário as seguintes palavras: “agora já não estamos sós” (FREINET, 1978, p. 55), as quais podemos compreender como o vislumbre do início deste movimento de professores:

<sup>4</sup> Freinet estabelece, de acordo com os princípios de sua pedagogia popular, trinta invariantes e propõe uma autoavaliação para cada uma delas, cujas respostas dão indícios para que o professor esteja em constante reflexão acerca de seu trabalho, buscando superar os obstáculos a fim de aproximar-se de uma conduta coerente com essa proposta pedagógica.

<sup>5</sup> Freinet adota a terminologia “Técnicas Freinet” pois não queria que sua proposta fosse cristalizada e denominada “Método Freinet”. Podemos encontrar essa discussão no texto de Arena (2021) e nos capítulos terceiro e quinto de Nascimento de uma ped. popular (1978).

A correspondência entre professores concorreu para ajudar a romper com o isolamento em que vivia o professor. Pela primeira vez, os educadores trocam ideias sobre seus problemas cotidianos e procuram juntos os meios de resolvê-los. Graças à correspondência, aos boletins, aos encontros pedagógicos, podem gritar como Freinet: ‘Já não estamos mais sozinhos!’ (ELIAS, 1998, p. 67).

Assim, esse intercâmbio escolar tornou-se também uma pedra angular na construção dessa proposta pedagógica, que cada vez ia ganhando mais aderentes, os quais através de cartas, de artigos ou reunidos em congressos, iam avançando na construção desse coletivo cuja obra era e ainda é a construção da escola popular.

A pedagogia Freinet é alinhada à crítica à escola burguesa, submetida ao sistema econômico capitalista (FOUCAMBERT, 2010). É uma proposta de escola popular, antiautoritária e emancipatória, cujos princípios se encontram na Carta da escola moderna<sup>6</sup>.

Coerentes com os princípios acima brevemente citados, a escrita e a leitura perpassam por muitas técnicas desenvolvidas por Freinet. Sempre com o foco na autoria e autonomia das crianças, de forma a priorizar a necessidade da livre expressão escrevendo para um interlocutor real, e as fazendo perceber a função social da escrita à serviço da vida. Escrita essa que leva o aluno a compreender a importância da letra legível, do texto compreensível e que esteja estruturado de acordo com as convenções próprias da escrita padrão.

A correspondência interescolar, enquanto técnica educativa adotada para o ensino da língua materna, além de favorecer a expressão livre e satisfazer o desejo natural do aluno de se comunicar, constitui um instrumento motivador muito forte para o aperfeiçoamento do domínio da escrita (SANTOS, 1993, p. 93).

Portanto, como já mencionamos, trataremos no próximo item do relato do trabalho com a leitura e a escrita através de uma situação real e concreta: a correspondência interescolar envolvendo nossas turmas e nós, duas professoras, que dessa forma também demos início a um relacionamento rico em trocas de experiências profissionais, de companheirismo e porque não dizer: de vida!

De fato, Freinet foi um precursor, na medida em que sua pedagogia popular da palavra era uma pedagogia da comunicação autêntica, ou seja, da expressão pessoal e da capacidade de ouvir o outro. Hoje, os estudos de psicolinguística enfatizam cada vez mais os ‘atos de fala’ e as situações de enunciação. Um verdadeiro aprendizado da língua é impossível apenas mediante a imitação formal da língua escrita. Este aprendizado deve resultar da realização, em situações concretas, de uma autêntica comunicação (LEGRAND, 2010, p. 32).

Essas ideias também dialogam com a alfabetização discursiva, perspectiva que tem inspirado nosso trabalho de professoras alfabetizadoras. No Glossário Ceale, há um verbete para esta perspectiva, escrito pela professora Ana Luísa:

Ancorada prioritariamente nas contribuições de Vigotski e Bakhtin, essa perspectiva considera a atividade mental da criança não apenas em seu aspecto cognitivo, mas em seu aspecto discursivo. Ou seja, a linguagem, a palavra – oral ou escrita – é, ou pode ser, ao mesmo tempo, meio/mo de interação, meio/mo de (inter e intra)regulação das ações, e objeto de

---

<sup>6</sup> Esta carta pode ser lida aqui <https://www.freinet-repef.com.br/carta-da-escola-moderna/>.

conhecimento. A ênfase na relação social e na prática dialógica caracteriza a dimensão discursiva (SMOLKA, 2014, [n. p.]).

Assim, compreendemos a alfabetização como um processo que vai muito além de codificar/decodificar; que não se contenta em ensinar a partir de letras/palavras “soltas”; que rejeita situações artificiais e escolásticas de uso da língua. Caminhando nessa direção e de mãos dadas com outras professoras, com muitos textos e com nossas crianças, buscamos avançar no ensino da linguagem escrita.

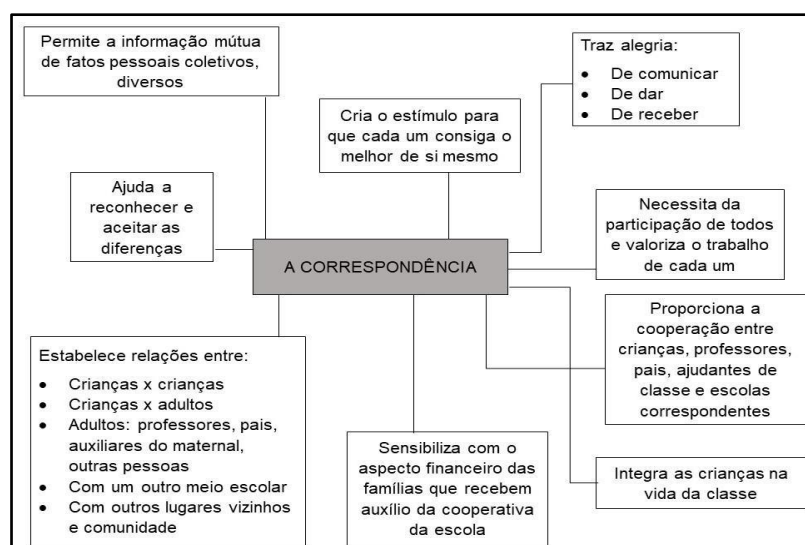
### Uma experiência para além dos muros escolares

O trabalho aqui relatado ocorreu durante os três trimestres do ano de 2019 entre duas turmas, uma de 4º e outra de 5º ano. Julgamos necessário apresentar o contexto em que se encontravam os alunos com relação às habilidades da leitura e da escrita: identificamos que um número considerado de alunos, das duas turmas, encontrava-se finalizando seu processo de alfabetização, apresentando pouca fluência na leitura, escritas de textos curtos, dificuldades na compreensão da linguagem escrita, e principalmente com problemas na coerência e coesão textual.

Portanto, a escolha do trabalho com a correspondência interescolar surgiu para contribuir com essa necessidade do grupo em desenvolver de forma dialógica a prática de leitura e da escrita.

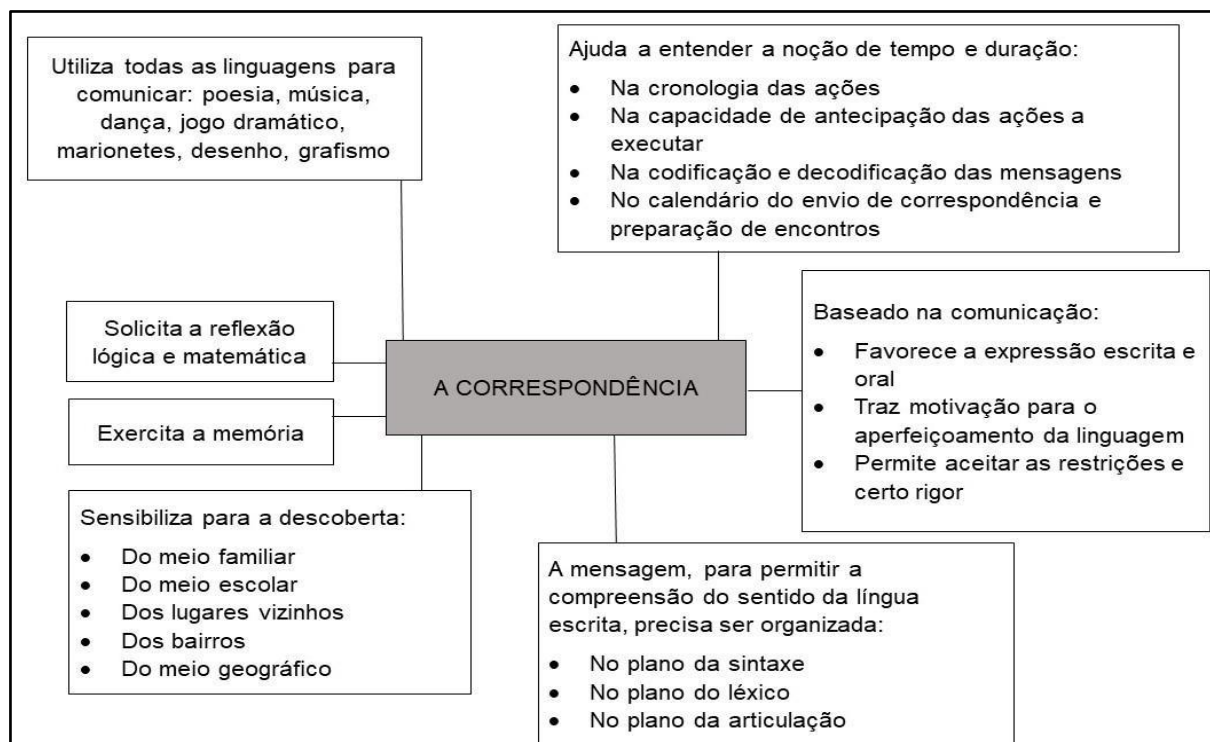
Ressaltamos que a correspondência corrobora com uma ideia fundamental de Freinet acerca do ensino da língua escrita: “A escrita só tem sentido se somos obrigados a recorrer a ela para comunicar nosso pensamento além do alcance da nossa voz, além das barreiras de nossa escola” (FREINET, 2001, p. 38).

Nossa escolha em propor o trabalho com a correspondência não aconteceu de forma aleatória ou simplesmente pautada em diretrizes curriculares: vários estudiosos brasileiros de Freinet realizam reflexões sobre a correspondência. Sampaio (1989) dedica um espaço em sua obra à correspondência; Santos (1993) também dedica à correspondência um espaço do seu capítulo intitulado “Técnicas pedagógicas estimuladoras” no contexto do livro “A expressão livre no aprendizado da Língua Portuguesa”. Elias (1998) traz em sua obra, em um trecho onde trata da correspondência, dois quadros traduzidos e adaptados da revista *Le nouvel éducateur*, os quais informam a contribuição da correspondência nos campos dos comportamentos e dos conhecimentos. Ei-los:



**Figura 1:** Avaliação da contribuição da correspondência escolar no domínio dos comportamentos

Fonte: Elias (1998, p. 68).



**Figura 2:** Avaliação da contribuição da correspondência escolar no domínio das competências e dos conhecimentos

Fonte: Elias (1998, p. 69).

Mais recentemente, podemos conhecer a forma como os professores vêm desenvolvendo esse trabalho a partir da publicação de suas experiências em artigos e blogs, como exemplo o texto “Chegou carta” de Liliam R. Oliveira (2012).

Embora a troca de cartas venha diminuindo consideravelmente com o advento da internet, dos *e-mails* e outros aplicativos para troca de mensagens instantâneas, a desigualdade tecnológica ainda é uma realidade em nosso país. Poucos de nossos alunos possuem celulares ou acesso à internet de banda larga e, ainda que em nossa rede, grande parte das escolas possuam laboratórios de informática, sabemos não ser essa ainda uma realidade em grande parte das escolas do país. Assim, o convite para a correspondência ainda faz sentido e nunca foi negado em nossas turmas, ao contrário, sempre foi acolhido com muita alegria, disposição e curiosidade por parte das crianças.

Iniciamos o trabalho fazendo o convite às turmas para a troca das correspondências. Após o aceite das turmas, num primeiro momento, foi realizada a troca de correspondências de escritas coletivas. A partir da segunda correspondência, além dessa correspondência coletiva, cada aluno já recebeu uma carta pessoal de um colega da outra escola. A escolha dos pares foi feita por sorteio na escola da turma do quarto ano (essa maneira de escolha foi sugerida pelas próprias crianças). Pelo fato de a sala do 4º ano ser mais numerosa, alguns trabalhavam em duplas.

A escrita das correspondências, mesmo em sua maioria sendo individual, aconteceu de forma colaborativa, pois como o trabalho estava organizado em *ateliês*<sup>7</sup> (momentos da aula onde os alunos trabalham em grupos, e são unidos pelo trabalho a se realizar), os alunos trocavam ideias de como e o quê escrever, partilhavam suas dúvidas, faziam sugestões para melhorar a escrita e o entendimento do texto uns dos outros, e assim, as correções não estavam concentradas na figura da professora. Essa forma de trabalho, condiz com outra Invariante, a

<sup>7</sup> Foge aos objetivos deste trabalho descrever a organização do trabalho em ateliês, mas recomendamos a leitura do texto que a aqui já citada professora Liliam R. Oliveira escreveu em seu blog, no qual ela aborda como esse trabalho vem sendo realizado na educação infantil. Disponível em <https://meajudaolhar.wordpress.com/2012/07/16/o-trabalho-em-atelies/>.

24: “A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador” (SAMPAIO, 1989, p. 96).

Enquanto professoras também participamos ativamente desses momentos, fazendo uma revisão final do texto junto com os alunos e encorajando-os em suas criações, mas isso não aconteceu de forma mecânica ou enfadonha, onde o aluno se mostrava passivo no processo de reflexão da escrita, muito pelo contrário, o aluno sendo o autor de sua carta, refletia sobre as questões de ordem ortográfica, gramatical ou de sentido do seu texto e só após consentir com as adequações, realizava a reescrita. Sendo assim, o papel do professor é muito importante em todo o processo do trabalho com a correspondência interescolar. De acordo com Sampaio (1989, p. 196): “Estabelecer e manter um clima de expressão livre, de gosto criador, fazendo com que as crianças tenham o prazer e o desejo de realizar um trabalho bem feito, favorecer o sucesso de cada um, são atributos indispensáveis a todo professor, para que a correspondência produza seus frutos”.

Notamos no decorrer desse processo, muitas aprendizagens: para este trabalho, destacamos alguns deles: o engajamento/motivação dos alunos na escrita e na leitura dos textos coletivos e individuais; a apropriação ortográfica e gramatical acontecendo numa situação real de comunicação e a possibilidade de banhar-se de vida a escola. Com relação a esse último tópico, Freinet defendia:

Queremos atividades escolares vivas, associadas ao interesse e ao profundo devir das crianças, que sejam muito mais do que um jogo ou um passatempo, que sejam um trabalho autêntico, fruto de uma necessidade, que se veja que é útil, ao qual uma pessoa se entrega de todo o coração e que, por todos esses motivos, se torna um poderoso gerador de dinamismo e de proveito pedagógico (FREINET *apud* SANTOS, 1993, p. 26).

Além da escrita das cartas, com o passar do tempo, os alunos começaram a enviar desenhos, passando também a expressarem-se através de outros tipos de linguagem, possibilitando novos conhecimentos ou aprimoramento dos antigos. Eles também foram percebendo a necessidade de melhor compreender seu entorno para escrever sobre ele, buscando referências do lugar onde viviam, sua localização, pontos de referência, atividades de esporte e lazer disponíveis no bairro, dentre outros, podendo comparar suas realidades, desnaturalizando assim seu modo de vida, costumes etc.

A prática da correspondência interescolar oferece ao aluno a oportunidade de, por meio da escrita, numa situação autêntica da comunicação, estabelecer contato com alunos de outra escola, de outra cidade, de outro país e, conseqüentemente, com outros valores, outras realidades, outros modos de vida, outras formas de ver o mundo (SANTOS, 1993, p. 93).

Outro aspecto importante desse trabalho se dá em relação à espera pelas cartas, pois acontecia com bastante expectativa, e o recebimento era uma alegria geral: os alunos faziam a leitura em silêncio, mas logo também liam em voz alta para os colegas e a professora. O momento também era extremamente significativo pois sentia-se o ambiente envolvido em afetividade e amor, onde as descobertas nas esferas intelectuais, culturais, de estruturas familiares, de preferências, entre outras presentes nas correspondências, eram acolhidas e geravam muitas vezes solidariedade e respeito, e isso era demonstrado na produção da carta-resposta. Ou seja,

A correspondência, como o texto livre, favorece o contato com cada um dos alunos e o conhecimento profundo de cada um deles. Poderá ser o primeiro passo para a individualização do trabalho e a descoberta de diferentes personalidades. Nesse

processo as crianças estarão aprendendo a respeitar essas diferenças, a tolerar, admitindo outros modos de vida e aceitando os outros tal qual eles são. É quando a criança começa a se abrir para o mundo e para os outros, ultrapassando o egocentrismo e começando os engajamentos sociais (SAMPAIO, 1989, p. 197).

Todo esse tempo e troca de comunicação, gerou grande interesse das turmas para um encontro presencial. Foi então que, ao final do ano, fizemos um passeio para o encontro das turmas. Essa parte é sempre bem-vinda quando a distância permite. Cada criança do 4º ano presenteou seu correspondente com uma Abayomi, confeccionada por eles com a ajuda da professora de Artes, e um representante da turma explicou sobre sua simbologia<sup>8</sup>. Já no 5º ano, o presente foi um lápis para cada correspondente, também confeccionado pelas crianças, onde cada um procurou considerar as preferências dos colegas descritas nas cartas como: cor favorita, personagem, time de futebol.

Depois desse momento de troca de presentes, os alunos aproveitaram o espaço livre para brincar e conversar. Também comeram juntos, subiram em árvores, jogaram futebol, riram e aproveitaram bastante! A despedida foi emocionante, e alguns trocaram contatos telefônicos e de redes sociais. Escola é lugar também de fazer amigos, conforme nos lembram as bonitas palavras do poema A escola<sup>9</sup>, de autoria desconhecida, mas que reverbera as palavras do mestre Paulo Freire, a quem a autoria é comumente atribuída<sup>10</sup>. Em nosso trabalho, buscamos ampliar a possibilidade para a construção de amizades, nessa relação entre as escolas envolvidas.

### **Uma outra vivência com a correspondência**

A correspondência possibilitou, além dessa comunicação interescolar, a comunicação e a manutenção do vínculo da turma do 5º ano com um de seus colegas, quando ele foi encaminhado para um abrigo (instituição responsável por cuidar de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social).

Assim que o aluno foi levado ao abrigo, a turma se mobilizou junto com a professora em descobrir o endereço de onde ele estava, e com essa descoberta, foi unânime o desejo de escrever cartas ao colega afastado da escola. Nesse processo, intensificou-se ainda mais o interesse dos alunos em desenvolver uma escrita clara e compreensível para que o colega pudesse entender as mensagens. Os alunos desenvolveram a escrita das cartas de forma individual, mas sempre contando com a ajuda dos colegas e professora no processo da escrita, fazendo as devidas adequações e reescritas necessárias.

A entrega das cartas era realizada pela professora que, envolvida nesse forte vínculo, podia contemplar o aluno no abrigo, não só compreendendo os textos que cumpriam assim sua função social, mas para além disso, sensibilizaram-no com emoção pela demonstração de carinho e solidariedade dos colegas do grupo, em textos acompanhados de desenhos alegres e coloridos.

---

<sup>8</sup> A matéria de Kauê Vieira, chamada Bonecas abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino, traz um panorama sobre o significado dessa boneca. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acesso em: 30 out. 21.

<sup>9</sup> O poema pode ser encontrado em diversos sites da internet, como por exemplo em: [http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015\\_poema\\_a\\_escola.pdf](http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/07082015_poema_a_escola.pdf). Acesso em: 30 out. 21.

<sup>10</sup> Segundo informações do site do Instituto Paulo Freire: "De acordo com os filhos de Paulo Freire, esse poema não foi escrito por ele e sim por uma educadora que estava assistindo a uma palestra dele. Com base no que ouvia, ela foi escrevendo o poema utilizando frases e ideias de Freire. No final da palestra aproximou-se dele e lhe entregou o papel, sem se identificar. Freire nunca publicou esse poema em nenhum de seus livros, embora suas ideias sobre a escola tenham sido captadas pela autora e traduzidas no poema." Explicação disponível em: <https://www.paulofreire.org/perguntas-frequentes>. Acesso em: 30 out. 21.

Sendo assim, segundo Sampaio (1989, p. 196), a correspondência “é um esforço feito livremente, é um passo a mais em direção à compreensão, à cooperação, à fraternidade e ao amor”.

## Conclusões

Diante do convite do evento, e do convite a “realizar uma reflexão acerca das Leituras Plurais que nascem das Escritas Equilibradas, malabaristicamente manejadas em meio a adversidades”, cremos que contribuímos ao compartilhar nossa prática com as correspondências. Afinal, falar da escrita e leitura de textos nas escolas é sempre pertinente. Todo professor alfabetizador – e nos consideramos assim, mesmo quando realizamos nosso trabalho nos quartos e quintos anos – enfrenta diariamente o desafio de motivar o gosto pela leitura, e de ensinar a língua escrita de forma prazerosa e significativa. Enfrenta também o desafio de proporcionar aos alunos autonomia e autoria em seu fazer. A correspondência pode, como tentamos demonstrar, contemplar estes três desafios. Além disso, comparado ao desempenho inicial dos alunos que estavam por finalizar seu processo de alfabetização, avaliamos que ao final desse trabalho houve uma melhora significativa nas produções de textos dos alunos, assim como na fluência da leitura.

Ressaltamos, porém: pouco adianta realizar este trabalho, e no resto do tempo proporcionar práticas de leitura e escrita artificiais e descontextualizadas. Na pedagogia Freinet cada uma das técnicas/instrumentos está relacionada com o todo, com os princípios de uma pedagogia popular. Assim, para além de compartilhar nossa prática com a correspondência e com a pedagogia Freinet, convidamos também o leitor para, a partir da compreensão entre diferentes projetos de escola, juntarmos as forças na construção da escola pública de qualidade, uma escola que emancipe e forme para a criação e não para a reprodução.

## Referências

ARENA, A. P. B. Freinet e o método natural: da simplificação conceitual ao entendimento epistemológico. In: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. (Org.). *Por uma pedagogia Freinet: bases epistêmicas e metodológicas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 113-140.

ELIAS, M. C. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, G. M. Uma conversa inicial. In: FERREIRA, G. M. (Org.). *Palavra de professor(a): tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 13-40.

FOUCAMBERT, J. *A escola de Jules Ferry: um mito que perdura*. Curitiba: UFPR, 2010.

FREINET, É. *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FREINET, C. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEGRAND, L. *Célestin Freinet*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=205188](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205188). Acesso em: 16 out. 2021.

OLIVEIRA, A. M. M. Freinet: teoria e prática na educação. In: SMOLKA, A. L. B. (Org.). *Centenário de nascimento de Piaget, Freinet, Vygotsky, Jakobson*. Campinas: UNICAMP/FE, 1998. p. 45-56.

OLIVEIRA, L. R. Chegou carta. *Me ajuda a olhar!* 2012. Disponível em: <https://meajudaolhar.wordpress.com/2012/09/20/chegou-carta/>. Acesso em: 16 out. 2021.

SAMPAIO, R. M. W. F. *Freinet: evolução histórica e atualidades*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTOS, M. L. *A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa: pedagogia Freinet*. São Paulo: Scipione, 1993.

SMOLKA, A. L. B. Alfabetização como processo discursivo. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C (Org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014, [n. p.]. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao-como-processo-discursivo>. Acesso em: 27 out. 21.

### **Sobre as autoras**

**Dayane Cristina Moraes Yamashita**. Licenciada em Letras (UNIMEP, 2004), Pedagogia (UNINTER, 2021) e Especialista no Ensino de Ciências e Matemática (UNICAMP, 2015). Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública há 16 anos. Membro da Rede de Educadores e Pesquisa da Educação Freinet (REPEF).  
*E-mail:* [dayacmoraes@gmail.com](mailto:dayacmoraes@gmail.com).

**Cinthia Vieira Brum Lima**. Licenciada em Pedagogia (UNESP, 2005) e doutoranda em Educação (Faculdade de Educação – UNICAMP). Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública de ensino há 15 anos. Membro da Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet. (REPEF).  
*E-mail:* [cinthiavbrum@gmail.com](mailto:cinthiavbrum@gmail.com).